

Associação de professores de Português

Ação de formação: “Histórias iguais com finais diferentes”

Formadores: Elsa Serra e José Saro

Formanda: Maria Teresa Simão da Silva Caldas

Tarefa 2: Escolhe um diário e partilha o teu dia

(1) Escolha de um diário



O diário secreto de Adrian Mole aos 13 anos e 3/4 de Sue Townsend

Escolhi este livro /diário por retratar, de forma divertida, humorada e descomplexada, as preocupações, dramas e crises existenciais vividos por Adrian Mole (o protagonista) e por tantos jovens adolescentes como ele: as borbulhas provocadas por alterações hormonais, o primeiro amor, o casamento dos pais à beira do fim...

«O médico de serviço veio ontem a casa da minha avó às onze da noite. Diagnosticou-me *acne vulgaris*. Disse que é tão comum que é olhado como um estado próprio da adolescência. Pensa que é

muito difícil eu ter febre tifóide porque não fui a África este ano. [...] A minha avó disse que queria uma segunda opinião. Foi então que o médico perdeu as estribeiras. Gritou muito alto: “O rapaz só tem umas borbulhas de adolescente, por amor de Deus!”

A minha avó disse que ia fazer queixa à Ordem dos Médicos, mas o médico deu uma gargalhada e desceu as escadas e bateu com a porta. O meu pai apareceu antes de ir para o emprego e trouxe o meu trabalho de casa de Estudos Sociais e o cão. Disse que se eu não estivesse em casa quando ele voltasse à hora do almoço me dava uma sova que eu nem sabia de que terra era.

Levou a minha avó para a cozinha e tiveram uma conversa em voz alta. Ouvi-o a dizer: “As coisas estão muito más entre mim e a Pauline e o que nós andamos a discutir agora é quem é que não fica com a custódia do Adrian”. De certeza que o meu pai se enganou. Devia querer dizer quem é que ia ficar com a minha custódia.

Portanto, aconteceu o pior, a minha pele está um nojo e os meus pais vão-se separar.»

O diário secreto de Adrian Mole aos treze anos e 3/4, Sue Townsend, Difel – Difusão Editorial, Lda, 3ª Edição
(páginas 40-41)

(2) Partilha de um dia do meu diário

Sábado, 21 de outubro de 2023

Querido diário,

São onze e meia da noite e chove torrencialmente. Apesar de ter estado um dia cinzento e nublado, durante a manhã e a tarde só chuvejou... É o outono...

Apetece-me escrever e contar-te o meu dia. O típico dia de outono em que se quer ficar no sofá a ver um bom filme ou a ler um livro. E olha que me lembrei de fazer isso mesmo, mas mudei de ideias. Resolvi ir visitar a prima Adélia, de quem já te falei, e os seus três gatos: o Bolacha, o Tobias e a Tareca. És capaz de me dizer por que é que, onde há gatos, há sempre uma Tareca?

Por volta das quinze e trinta, cheguei à rua da prima e estacionei o meu carro nas traseiras do seu prédio, junto ao descampado onde fica a colónia de gatos. Ficas a saber que são gatos protegidos pelos habitantes daquele bairro e até pela Junta de Freguesia! Ficas, também, a saber que um dos gatos da Adélia, o Bolacha, nasceu ali na colónia. Bem, querido diário, vou continuar o meu relato, o relato de um episódio insólito e, ao mesmo tempo, cómico.

Como te disse, estacionei. Saí do carro, tranquei o carro e..., desastradamente, deixei cair a chave. Nada de grave, não fosse a “bendita” (ou maldita) cair na sarjeta! Baixei-me um pouco e olhei para o interior da sarjeta, que, felizmente, não era muito profunda, mais ou menos uns setenta centímetros até à superfície. E, olha, lá estava ela, a chave, no fundo da sarjeta, pousada numa pequena pedra, uma “ilhota” onde a água quase não tocava. E eu, desesperada, só pensava na melhor maneira de tirar dali a chave. Já agora, o que é que tu farias, querido diário?

Mantive a calma e resolvi ir chamar a prima Adélia. Juntas, certamente, encontraríamos uma solução rápida e eficaz. Sim, já sei que neste momento deves estar divertidíssimo com a minha desgraça. Se, por um lado, “ouves” os meus desabafos, por outro, consegues ser bem mauzinho!

Toquei à porta, voltei a tocar e... sabes? A prima não estava em casa. Entretanto, começou a chover irritantemente e eu sem saber o que fazer. A única solução era “pescar” a chave. Perguntas como? Olha, foi tudo muito rápido. Pus-me a andar de um lado para o outro (já sei que estás a pensar que eu parecia uma barata tonta), à procura de algo que me pudesse ajudar. Junto a um contentor, encontrei um velho arame. A minha salvação!

Rapidamente, dirigi-me para o carro e, já bastante molhada com aquela “chuva molha tolos”, ajoelhei-me no asfalto da rua, fiz um anzol com a extremidade do arame, introduzi-o na grelha metálica da sarjeta e comecei a tentar pescar a chave. Acredito que agora estás mesmo às gargalhadas. Que querido que é o meu diário... Adiante!

Ao fim de umas quatro ou cinco tentativas e com a minha paciência a esgotar-se, lá consegui engancha o arame (ou melhor, o anzol) na chave molhada. Encharcada, levantei-me, abri a porta do carro e dirigi-me a casa, pensando só no sofá confortável que me esperava. Cheguei a casa já a noite caía... Que bela tarde!...